

SOCIÓLOGA COM OLHAR HISTÓRICO OU HISTORIADORA COM PERSPECTIVA SOCIOLOGICA? UMA LEITURA PROSPECTIVA DA OBRA DE LUCIA LIPPI

A sociologist with a historical outlook or a historian
with a sociological perspective? A prospective
reading of Lucia Lippi's production

BERNARDO BUARQUE

<http://dx.doi.org/10.1590/S2178-14942016000200013>

Bernardo Buarque é professor da Escola de Ciências Sociais (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) (bernardo.hollan-
da@fgv.br).

Senhora e senhores, colegas, amigos, alunos e professores, muito boa noite. Sinto-me feliz e honrado em participar desta cerimônia, menos pela formalidade que o ato encerra e mais pelo privilégio de poder presenciar o reconhecimento de duas professoras de excelência que a instituição a que hoje pertença produziu.

Falo em privilégio, pois, ao preparar estas palavras de saudação a duas pesquisadoras que dedicaram suas vidas à pesquisa e ao ensino, à história e às ciências sociais, ao compromisso com a vida acadêmica e com a sociedade, tive a oportunidade de mergulhar na leitura, se não completa, ao menos bastante expressiva de suas obras. Detive-me, em particular, nos livros e nos capítulos, nos artigos e nos prefácios, nas resenhas e nas entrevistas que perfazem o conjunto da produção intelectual de Lucia Lippi. Trata-se de um conjunto ao mesmo tempo uno e múltiplo, coerente e multifacetado, que abrange mais de 40 anos de vida profissional, período que por sua vez se confunde com a própria existência do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.

Mas não quero me ater no início desta fala apenas à obra e à trajetória intelectual da hoje colega Lucia Lippi. Início esta homenagem com a evocação de uma figura humana que esteve presente em minha vida bem antes que uma instituição e um ambiente de trabalho nos aproximassem. Enquanto lia e percorria as páginas de suas publicações, não raro minhas reminiscências de infância e juventude foram acionadas, permitindo que a figura de Lucia reaparecesse para mim de forma distinta da imagem que tenho dela hoje.

Refiro-me assim mais que à professora Lucia Lippi, com quem vim a conviver a partir de 2010 no CPDOC, e cuja generosidade pude testemunhar desde o primeiro momento, por meio de seu incentivo, de seus convites para participar de bancas, de sua presença em minhas aulas na graduação, de suas sugestões de congressos e grupos de pesquisa. Evoco simplesmente a Lucia que, para mim, era a mãe de Eduardo e Isabel, colegas de vizinhança do prédio de número 559 da Rua Visconde de Pirajá, em Ipanema.

Ao regressar do exílio após a Anistia política de 1979, meus pais encontraram abrigo inicial no apartamento de minha avó materna, onde eu iria passar boa parte de minha infância e adolescência. Enquanto minha mãe se esforçava para concluir, após mais de dez anos de afastamento, o curso da Faculdade de Medicina da UFRJ, e meu pai, com um mestrado em

Sociologia pela FLACSO, buscava sua inserção profissional e logo iniciava militância na vida política do Rio de Janeiro, a área de lazer nos fundos do prédio de minha avó, um quadrilátero retalhado por entre muros dos prédios vizinhos, era um dos poucos espaços de convívio e diversão que eu então encontrava na cidade.

Eduardo, dois anos mais velho que eu, era amigo de meu primo Pedro, ao passo que Isabel regulava em idade com minha irmã Fernanda. Guardo assim a lembrança de situações prosaicas, como Lucia atendendo a porta de sua casa quando descíamos para chamar o Eduardo, ou para brincar no quarto, ou para bater bola no *play*, ou para bater papo no estreito corredor do sétimo andar, que ficava entre o elevador de serviço e os fundos do apartamento de Lucia.

Outras camadas de memória vieram se superpor a essa lembrança mais remota à medida que fui crescendo. Depois de me mudar para o Jardim Botânico, o contato continuou, ainda que menos frequente. A entrada na universidade, com a escolha das Ciências Sociais em princípios dos anos 1990 – momento, aliás, de grandes dificuldades para o aspirante à carreira de sociólogo, com o fechamento temporário do tradicional curso de Sociologia da PUC, o mesmo em que Lucia se formara nos idos de 1960 – foi nesse sentido decisiva.

Ao longo da graduação, dei-me conta de que a Lucia, mãe de Eduardo e Isabel, era a Lucia Lippi, autora de um livro recém-lançado sobre Guerreiro Ramos, intelectual a quem eu dedicara um trabalho de final de curso numa disciplina eletiva do IFCS. Mais à frente, já na pós-graduação em História na PUC, vim a saber que a mesma socióloga Lucia Lippi era também pesquisadora da Fundação Getúlio Vargas, instituição em que havia um centro de pesquisa e documentação, fonte para a atividade de pesquisadores brasileiros e estrangeiros interessados em História do Brasil contemporâneo. Em encontros fortuitos no prédio de Ipanema, lembro-me de já acompanhar com interesse as conversas de Lucia com meu pai, versando sobre temas da política e da Academia, especialmente deste personagem da história da FGV que foi Alberto Guerreiro Ramos.

Faço este introito um tanto pessoal menos para salientar as coincidências e os acasos, os encontros e desencontros que a vida individual nos reserva. Como ensina o ofício da sociologia, essas coincidências são parte do caráter inelutavelmente relacional com que tomamos consciência do passado, revelam as alternâncias entre memória e esquecimento, falam do modo pelo qual reconstruímos nossas relações sociais e da maneira como selecionamos os fatos que no presente conformam nossas recordações mais longínquas.

No caso das Ciências Sociais, lançar um olhar sobre a contribuição da obra de Lucia Lippi implica pensar tanto esse elo geracional que nos une e separa quanto a recepção das questões centrais que seus escritos têm logrado formular, desenvolver e responder. Ler a obra

de Lucia implica identificar as continuidades e as rupturas por que passou a sociedade brasileira e, com ela, a própria formação de historiadores e cientistas sociais no Brasil das últimas décadas. Ainda que o faça de maneira muito particular e, por assim dizer, artesanal, não é possível desvincular a trajetória e o pensamento de uma autora como Lucia Lippi dos debates fundamentais enfrentados por sua geração e por seu tempo.

E, *grosso modo*, que debates foram esses? Sabemos que, nos últimos 30 anos de vida nacional, o país vem-se debatendo diante dos desafios institucionais de consolidar a democracia, incorporar extratos sociais tradicionalmente excluídos da sociedade e efetivar a concretização dos direitos e deveres da cidadania, conquistada e assegurada pela Constituição de 1988. Constituição essa prescrita, porém ainda proscrita a milhares de brasileiros, e hoje ameaçada nos seus princípios democráticos por grupos dominantes que procuram impor sua vontade política e seu arbítrio às regras do jogo.

Se a vivência dos anos de chumbo, no caso de Lucia através da militância estudantil na Juventude Católica, e se a luta pela redemocratização foram marcas políticas da sua geração, sabemos também que aqueles que nasceram após a Segunda Guerra Mundial no Brasil vivenciaram igualmente a abrupta transformação do mundo rural para o mundo urbano, com a impressionante modificação da fisionomia de um país marcado pela modernidade periférica e pelos seus reflexos mais evidentes em termos demográficos, industriais, regionais e ecológicos.

Com o fim do regime militar, o legado da modernização conservadora e o específico modelo de desenvolvimento que ela preconizou materializaram-se em seus efeitos mais perversos. São exemplos a deterioração da qualidade dos três níveis de ensino público brasileiro; a voragem de um consumo conspícuo, porém supérfluo e individualista; os compromissos ordinários de uma burocracia muitas das vezes tão hipertrofiada quanto inoperante.

No último quartel do século XX, a sociedade brasileira assistiu ao incremento dos meios técnicos de informação e de comunicação, com destaque para a consolidação de uma cultura audiovisual que se tornou hegemônica com a televisão, sendo capaz de articular imageticamente todo o território nacional. A TV instalou-se nos lares e sedimentou-se na vida privada e no cotidiano do país, com todas as consequências culturais e políticas que conhecemos.

A virada para o século XXI, por seu turno, exponenciou as transformações tecnológicas, com a chamada globalização e com os impactos da revolução provocada pela informática. Vem sendo ela desde então a responsável por modificar radicalmente nossas percepções e nossos modos de interação social, com a reconstrução das subjetividades e com a reelaboração das relações interpessoais.

A angústia de um tempo prenhe de imediatismos, de uma época que não suporta a espera, que não ambiciona utopias e que não almeja a construção de projetos coletivos já

foi apontada por mais de um teórico como uma das características da contemporaneidade. Se não se divisa o futuro, é compreensível assim que uma de suas contrapartidas consista no “surto de memória”, num tipo muito particular de encastelamento e de valorização artificial do passado.

Conforme as palavras de um autor que Lucia gosta de citar, a *sedução da memória* advém do fato de que: “Quanto mais rápido somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é nosso desejo de ir mais devagar e mais nos voltamos para a memória em busca de conforto”.

Se o mundo hodierno testemunha a celeridade dessas mudanças, como pontua Lucia em um de seus livros mais recentes, pode-se dizer que se assiste não apenas a um mundo em transição como, sobretudo, a um mundo em ruptura. A circulação de informações, pessoas e mercadorias afeta também as representações físicas e concretas que temos dos espaços, dos territórios e das fronteiras nacionais. Não seria difícil rememorar exemplos dos recentes dramas de desterro vivenciados coletivamente por povos e etnias mundo afora, nem tampouco lembrar as reações de intolerância, racismo e xenofobia que tais deslocamentos massivos têm provocado.

Recapitulo tal quadro, pois o cerne das questões enfrentadas por Lucia em seus livros atravessa e é atravessado por essas dimensões da vida contemporânea. Como a própria Autora reconhece, a despeito da grande variedade temática de sua obra – e aqui poderíamos listar os intelectuais, o pensamento social, a identidade nacional, as elites políticas, a Revolução de 30, a história da sociologia no Brasil, a imigração, a relação especular Brasil-Estados Unidos, a imaginação espacial, a Marcha para o Oeste à brasileira, o Nordeste, a música popular, a cidade do Rio de Janeiro, o planejamento urbano, o patrimônio cultural, as políticas públicas na área da cultura –, a despeito de tudo isso há um fio condutor que interliga a miríade de suas questões acadêmicas.

O denominador comum pode ser definido pelo que Lucia, movida por uma curiosidade científica constante, chama de maneira sintética de “construção das identidades”. A construção identitária, longe de ser unívoca, compreende diversos planos e escalas, dinâmicas e confrontos, sendo os que mais afetam a Autora aqueles aspectos ligados à nação e à região.

A questão nacional, em seus componentes culturais, sociológicos, ideológicos e políticos, é dessa maneira crucial. Ela aparece corporificada em sua obra de maior fôlego, que é a sua tese de doutoramento, defendida no departamento de Sociologia da USP em 1986, com o título de “Ilha de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz, Brasil: um estudo sobre o nacionalismo”. Se não chega a ser seu trabalho mais lido e difundido, este é um de seus livros mais densos. Digo isto, pois, ainda que não diretamente relacionados a ele, o doutorado condensa pelo

menos 15 anos de pesquisas individuais, de frentes coletivas de trabalho e de participações institucionais diversas.

Senão vejamos. Ao versar sobre as distintas agremiações de intelectuais que atuaram na Primeira República brasileira, o livro resultante do doutorado acumula na verdade leituras prévias de vários outros autores que emergiram na esteira da cronologia demarcada. Para além do balizamento cronológico que vai de 1889 a 1930, Lucia já estudara os intelectuais que se alinharam, na conjuntura de fins dos anos 1930, ao Estado Novo; já pesquisara os professores, nacionais e estrangeiros, que atuaram na institucionalização dos cursos de ciências sociais no Brasil dos anos 1940; e já se debruçara sobre os homens de pensamento e Estado reunidos no ISEB em meados da década de 1950.

Nesse sentido, é muito revelador o método pelo qual Lucia opera na eleição de seus interlocutores e na formulação de suas hipóteses de pesquisa: ao invés de um sequenciamento histórico evolutivo-linear, é a contrapelo que ela se aproxima dos seus objetos, especialmente daqueles circunscritos ao imaginário republicano. Para desvendar essa genealogia, é como se houvesse sempre a necessidade de busca do fundamento na geração anterior, da etapa antecedente que ilumina e engata o período investigado subsequente.

Assim, seu primeiro exercício intelectual, realizado em pleno período de milagre econômico do governo Médici, consistiu numa investigação das mentalidades e dos discursos programáticos de frações das elites políticas brasileiras que atuaram no intermezzo democrático entre 1946 e 1964. O trabalho foi desenvolvido ao longo dos quatro anos de sua tese de mestrado, como então se chamava, sobre o PSD, o Partido Social Democrático. Defendida no IUPERJ em 1973, a tese foi um dos primeiros frutos da pós-graduação em ciência política no Rio de Janeiro, uma vez que Lucia foi aluna da primeira turma formada por aquela instituição.

Além do evidente interesse em discutir a experiência de partidos políticos no Brasil, num contexto em que a temática se encontrava desvalorizada e em que vigia o sistema do bipartidarismo, a tese de mestrado já chama a atenção para uma qualidade muito característica do trabalho de Lucia, e que a acompanharia ao longo dos anos.

Refiro-me ao uso da entrevista como método de pesquisa, à utilização do depoimento como fonte, num período em que, não custa lembrar, a História Oral ainda não havia obtido estatuto científico em nível internacional e muito menos em âmbito nacional. Com uma capacidade muito própria de dar voz e saber ouvir, de captar e extrair o fundamental na interação com seus entrevistados, o mestrado de Lucia levanta não apenas dados oficiais sobre o PSD, como colhe relatos de atores importantes da política da época, como Tancredo Neves, Amaral Peixoto e Ulisses Guimarães.

Retomando o raciocínio, se a vivência do Regime Militar a leva à curiosidade pela reconstituição dos protagonistas políticos da República Nova, esta mesma República de 1946, por seu turno, faz a Autora retroagir à Era Vargas. A reflexão sobre o protagonismo das elites políticas combina-se ao que seria seu interesse por um personagem em específico: o intelectual.

No caso em questão, sua atenção se volta para os reformadores sociais que eram também bacharéis e homens de letras egressos dos anos 1920, e que se ligariam ao período ulterior do Estado Novo. Provenientes dos diversos quadrantes regionais – Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco – eles tanto refletiam sobre as singularidades nacionais quanto atuavam direta e interventivamente na máquina burocrática, contribuindo para a fundamentação jurídico-ideológica do Estado Novo.

A centralidade da questão nacional passa pela concretude temporal de seus temas, mas também pelo desejo quase onipresente na obra de Lucia de decifrar o personagem portador da “missão”, de revelar o sentido das ideias que gravitam e que se encarnam naqueles intelectuais, mesmo naqueles cujo pensamento pudesse estar em princípio mais distante dos valores pessoais ou das preferências da autora.

Uma vez que o estranhamento empático e que a atitude compreensiva são pedras de toque da metodologia das Ciências Sociais, sua execução consegue ser realizada de maneira admirável por esta socióloga, quando se depara com linhagens e tradições intelectuais as mais díspares e diversas.

Sem cair nas armadilhas dos “internalistas” *versus* “externalistas”, sem subsumir ideário estético a determinismo sociológico, é com maestria que a pesquisadora Lucia Lippi consegue adentrar compreensivamente, porém não acriticamente, na vida e na obra de autores vinculados ao regime estadonovista, tais como Almir de Andrade, Azevedo Amaral, Lourival Fontes, Oliveira Vianna, além de Rodrigo Melo Franco de Andrade, para ficar com apenas um integrante da “constelação Capanema”.

Com efeito, o argumento de que sua sociologia da cultura opera de viés e ao revés, na contracorrente do fluxo histórico, baseia-se na busca contínua de ir ao âmago da chamada questão nacional. Isto fica mais claro quando a Autora compulsa a bibliografia da Revolução de 30 no projeto Brasiliana, por ela coordenado no CPDOC no final dos anos 1970, a fim de dar subsídios a uma revisão e a uma reinterpretação histórica daquele evento, no momento mesmo em que ele completava meio século de existência.

Deter-se sobre a natureza do processo revolucionário que redundaria na Era Vargas implica dar um passo atrás e recuperar o ambiente conflituoso do país nos anos 1920. Isto, ato contínuo, acaba por levar a uma análise retrospectiva das relações entre cultura e poder

durante todos os 40 anos da Primeira República. É aí que a autora esmiúça com mais vagar as doutrinas políticas das elites letradas e é capaz de reconstituir as matrizes da intelligentsia finissecular, analisada de modo extensivo e intensivo na tese de doutorado de Lucia, que viria a ser publicada em 1990 com o título *A questão nacional na Primeira República*.

Os beletristas, os católicos, os regionalistas, os ensaístas, os positivistas, os bacharéis, os evolucionistas, os ufanistas, os decadentistas, enfim, toda sorte de polígrafos que vicejou entre a geração de 1870 e o advento do modernismo no Brasil, passando pela *Belle Époque* tropical, são mostras da maneira como Lucia detecta os projetos de nação ali presentes.

Com seus diagnósticos e prognósticos, com suas adesões ora à tradição, ora à modernidade, acompanhando *pari passu* os destinos de cada um dos atores políticos, Lucia monta um mosaico das ideias presentes na Primeira República. Ou por outra, vai às raízes de um nacionalismo que não desconsidera os condicionantes de grupo, de classe e de posição social.

Um aspecto notável no livro *A questão nacional na Primeira República* é a maneira pela qual Lucia dialoga com a teoria e com os conceitos. Longe da escrita pernóstica, do abstracionismo pedante ou da erudição apriorística, são os temas e objetos que mobilizam o seu aparato teórico e conceitual. É aquele que convoca este, e não o contrário. Neste sentido, o sociólogo Karl Mannheim afigura-se o interlocutor primordial para a análise das condições nas quais uma obra é produzida, divulgada e consumida.

A inspiração mannheimiana permite-lhe avançar por vários flancos, com destaque para a compreensão dos estilos de pensamento, a noção de tempo histórico secularizado, a formulação de uma teoria sociológica do planejamento, a morfologia de grupo dos intelectuais e, o mais importante, para os atributos modernos do chamado "pensamento conservador".

Da galeria de intelectuais das diferentes fases republicanas, saltam aos olhos também os critérios de Lucia na escolha de seus autores preferenciais e na definição das suas estratégias de pesquisa. Sublinho esse aspecto, pois, depois de acentuar o pensamento de escritores por assim dizer canônicos, ou ao menos daqueles dotados de legitimidade institucional, a exemplo dos vinculados ao regime estadonovista, Lucia assume progressivamente um interesse por autores menos reconhecidos pelas vertentes hegemônicas de seu tempo.

Para usar os termos de um autor que lhe é caro, poderíamos intitular essas personalidades como "periféricas", "fronteiriças", "confrontivas" ou "independentes". Estas *personas gauches*, por assim dizer, têm a primazia, pelo que instigam e desafiam as predileções intelectuais de Lucia.

Pode-se dizer que essa característica seletiva vai-se acentuar ao longo do tempo, em particular dos anos 1980 em diante, quando, já integrada ao Grupo de Trabalho de Pensamento

Social brasileiro da ANPOCS, Lucia participa da pesquisa coletiva sobre a institucionalização das ciências sociais no Brasil, detendo-se no caso do Rio de Janeiro.

É neste momento que ela se depara com autores que passam ao largo desse processo de inserção institucional ou que se enquadram nele de maneira bastante limitada. Tal procedimento se manifesta em meio aos esforços compreensivos das especificidades de constituição dos cursos universitários no Rio de Janeiro, a exemplo da Faculdade Nacional de Filosofia; em meio à compreensão dos mecanismos de financiamento de pesquisas nesse contexto, como ocorre com o patrocínio do projeto UNESCO; e em meio à observação da influência das instituições governamentais na capital da República, haja vista o modelo isebiano, antípoda do paradigma científico forjado na mesma época pela Escola de Sociologia de São Paulo.

O trabalho de Lucia acerca da profissionalização do cientista social no Rio de Janeiro constituiria uma importante referência para pesquisas posteriores, à maneira dos estudos sobre o campo do folclore desenvolvidos pelo antropólogo Luís Rodolfo Vilhena. Repiso a observação de que o interesse de Lucia incide em autores que, embora pertencentes às elites, tiveram seus projetos de nação e de profissão derrotados e/ou marginalizados. Este traço reponta, em especial, na trajetória errática e intempestiva do baiano Guerreiro Ramos, capaz de condensar filosofia com administração pública em sua sociologia crítica do conhecimento científico e cultivando o intelectual em “mangas de camisa”, numa polêmica bastante conhecida com Florestan Fernandes.

Tal apreço por autores menos evidentes fez Lucia, em período mais recente, optar por volver à obra de um Eduardo Prado, conhecido pelo fervor monárquico e pelo antiamericanismo de fins do século XIX, o que parecia colocá-lo na contracorrente do sentido histórico dominante. Um misto de curiosidade com estranhamento motivou a Autora também a desconstruir o suposto esquecimento dos escritos do médico sergipano Manuel Bomfim, em princípios do século seguinte, conforme vinha sendo reiterado por parte considerável de sua fortuna crítica.

Mas a proposta de uma história social das ideias não fica inteiramente clara se dimensionarmos apenas as balizas temporais e as três primeiras fases da cronologia republicana. Isto porque, para Lucia, a história não caminha sozinha. Ela vem sempre acompanhada do par fundamental: tempo-espaço. A geografia, disciplina de que a propósito Lucia já gostava desde os bancos escolares, lhe proporciona uma interlocução privilegiada. É possível afirmar que, para enfrentar a questão central, isto é, a construção das identidades pelas lentes dos intelectuais, história, geografia e sociologia se entrelaçam de maneira abrangente e fecunda em sua produção.

A interdisciplinaridade é assim plenamente praticada por Lucia ao circunscrever essas três áreas de interseção. A díade disciplinar é de tal ordem que Lucia interpela a si própria na

apresentação que fez de um livro de divulgação: “sou uma socióloga com olhar histórico ou uma historiadora com perspectiva sociológica? Não sei, e acho difícil chegar a uma conclusão”, arremata a Autora.

Dessa maneira, na mesma proporção em que os cortes temporais fazem retroagir sua compreensão dos intelectuais rumo à ordem oligárquica do primeiro tempo republicano, deve-se acrescentar a contribuição de Lucia ao debate relativo à identidade nacional por meio das categorias espaciais com as quais trabalham os geógrafos, bem como todos aqueles possuidores dos instrumentos que Benedict Anderson considera constitutivos das comunidades imaginadas, a saber: o mapa, o censo e o museu.

Se seguirmos a premissa básica de que as identidades coletivas não são nem estáveis nem naturais, mas dinâmicas e relacionais, os investimentos de pesquisa de Lucia nessa temática resultaram em pelo menos dois livros de peso. O primeiro deles é *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos Estados Unidos*, publicado em 2000. O segundo é *Nós e eles: relações culturais dos brasileiros com os imigrantes*, lançado em 2006. Os dois trazem a lume diversos episódios históricos que mostram como a dialogia e a diacronia se conjugam com a variável espacial e podem ser úteis à reflexão sobre a história brasileira.

Primeiro, porque se incorpora a perspectiva da comparação do país com outros casos nacionais, aguçando a percepção do que cada nação tem de comum e de distinto. Depois, porque se reconstitui o tema da assimilação dos fluxos migratórios estrangeiros ao seu território, aspecto da maior relevância na história do povoamento das Américas. Por fim, porque se recorre ao mecanismo do deslocamento territorial, o que pode ser feito mediante um efeito físico concreto ou pela via intelectual de deslocamento do olhar.

Nesses dois livros de Lucia, a reflexão que os originou é fruto de anos de pesquisa, iniciados com um pós-doutoramento em 1993 e 1994, na Universidade de Brown, nos Estados Unidos, onde até hoje se concentra um expressivo número de brasilianistas e uma associação de estudos sobre o Brasil. A experiência do estudo no exterior, sob a orientação de Thomas Skidmore, o aproveitamento das fartas fontes de leitura nas bibliotecas norte-americanas e o uso do método comparativo favorecem o processo de desnaturalização dos fenômenos identitários, na mesma medida em que recolocam a questão epistemológica dos procedimentos em torno do que e de como comparar.

Em *Americanos*, as escolhas da Autora são mais uma vez oportunas. Porquanto a intelectualidade brasileira foi historicamente marcada pela influência eurocêntrica, sobretudo pela chamada galofilia francófona, a opção de Lucia pelo caso norte-americano permite o enfrentamento direto do modo pelo qual a hegemonia cultural e material estadunidense influenciou o Brasil no decorrer do século XX.

Em que pese a importância dos debates intelectuais, não se trata apenas de reacender polêmicas acerca de um jogo especular, inspiradas em metáforas shakesperianas, nem de recolocar o debate em torno da querela iberismo/americanismo. Com discrição e elegância, Lucia sabe interpretar as posições em confronto, abalança o conteúdo das obras e seleciona o que é fundamental, separando o objetivo de conhecer do objetivo de persuadir, conforme recomendava o filósofo italiano Norberto Bobbio.

No cotejo com a história norte-americana, a Autora compara os mitos de fundação, dá relevo aos valores fundacionais, acentua o projeto de uma nação que se vê sob o signo da predestinação e contrapõe um a um os ideários coloniais presentes nos Estados Unidos *vis-à-vis* aqueles dos países da América Latina.

O gosto pela geografia vai ao encontro do conceito de fronteira de Frederick Jackson Turner. Lucia procura observar este espelhamento mútuo pelo ângulo de um determinado elenco de intelectuais que é pinçado por ela de maneira *sui generis*, segundo os critérios autorais mencionados acima. Estes escritos, por várias circunstâncias, se voltaram para a paisagem, para a história e para a cultura dos Estados Unidos.

Menciono *en passant* dois nomes examinados por Lucia: um é o do diplomata Oliveira Lima, residente naquele país durante o período de afirmação do pan-americanismo, em princípios do século XX, conformador de uma biblioteca de referência sobre o Brasil e autor de um livro com relatos de viagens, dedicado aos Estados Unidos; outro é o do escritor gaúcho Vianna Moog, da Academia Brasileira de Letras, autor de *Pioneiros e bandeirantes*, livro que traz elementos comparativos de geografia e história entre os dois países.

No livro seguinte, a dissecação da figura multifacetada do imigrante no Brasil é feita com a delimitação precisa dos grupos e dos espaços regionais nos quais se estabeleceram. *Nós e eles*, que Lucia considera seu livro com o maior teor sociológico, privilegia o caso dos espanhóis na Bahia, dos italianos em São Paulo e dos portugueses no Rio de Janeiro. O ponto alto do trabalho é o capítulo dedicado à migração italiana no estado de São Paulo, analisada de diversos ângulos. Sem abrir mão da história quantitativa, da demografia e dos dados estatísticos, tal presença é principalmente analisada à luz do simbólico e do imaginário, quer seja a obra literária do modernista Antônio de Alcântara Machado, quer seja a pintura de Almeida Júnior, quer seja a melhor tradição de estudos de comunidade da sociologia paulista, que se dedicou a etnografar o mundo rural e, com ele, a figura arqui-estereotipada do caipira.

A centralidade do espaço e das categorias espaciais no horizonte de interesses de Lucia abre mais uma frente de pesquisa no início dos anos 2000. Tal frente amplia ainda mais o diálogo com outros campos e faz a Autora aventurar-se por novos domínios. Enquanto a

fronteira de expansão do território brasileiro é esquadrihada pelos projetos civilizatórios de nação no decurso do século XX, a partir da ação estatal, mas também da ação de missionários, viajantes, naturalistas, cientistas, sertanistas e indigenistas, é o espaço urbano, é o desafio das cidades, é o fenômeno das metrópoles que ganha vulto na agenda de pesquisas de Lucia Lippi nos últimos 15 anos.

O ponto de inflexão rumo aos estudos urbanos decorre mais uma vez de sua sintonia fina com os problemas da história contemporânea. Pode-se afirmar que novamente a problemática é acionada pelo tempo presente, pela conjuntura, pela contemporaneidade. Na virada do milênio, a realidade imperante nas cidades é tanto aquela que deriva dos vultosos projetos e dos megaplanos midiáticos globais quanto o abandono das populações que se amontoam nos subúrbios e nas periferias. Lucia traz à baila o tema capital do urbanismo, chamando para o debate não apenas os relatos diretos dos atores vinculados a esse meio, mas também a bibliografia que tematiza o papel político dos arquitetos, dos engenheiros civis, dos administradores e dos urbanistas no espaço público.

No Brasil, os projetos das cidades planejadas no século XX, a exemplo de Belo Horizonte, Goiânia e Brasília, servem de contraponto às experiências pretéritas das cidades portuárias de origem colonial, de que são emblemáticos os casos de Salvador, Santos, Recife e Rio de Janeiro. Sabemos que o planejamento de nossos melhores arquitetos formados no ideário modernista não impediu a convivência do progresso com a desordem.

A mácula da exclusão social propalou-se com outros efeitos deletérios no cotidiano das cidades brasileiras, tais como a segregação territorial, a combustão violenta das metrópoles, o caos motorizado nas grandes capitais, a disparidade entre os avanços da tecnologia de ponta e a escassez de condições materiais mínimas de salubridade e existência da maioria da população, a precariedade dos serviços públicos, ou melhor, a desigualdade de acesso a eles entre as diferentes classes.

Sim, a Reforma Pereira Passos e o remodelamento urbanístico do Rio de Janeiro no início do XX já eram questões para Lucia em sua tese e mereceram um capítulo à parte no doutorado para o entender os discursos civilizadores e modernizantes que subjaziam às reformas da república emergente. Agora, no raiar do século XXI, a pesquisa sobre as condições de vida nas cidades volta a desafiar a Autora. Ela avança para tanto nas memórias do urbanismo carioca e é capaz de ir além das fontes jornalísticas e da bibliografia secundária que lhe informa a literatura das Faculdades de Arquitetura e Urbanismo.

Trazendo como originalidade a esse campo de estudos a constituição de uma fonte nova ou ainda pouco sistematizada, o recurso à História Oral permite-lhe colher mais de duas dezenas de depoimentos junto a gestores, técnicos, funcionários públicos, políticos, prefeitos e

responsáveis diretos por planos diretores e por decisões relativas aos ordenamentos urbanos de ontem e de hoje.

Lucia conduz as entrevistas com os idealizadores, formuladores e executores desses projetos, que versam sobre parques nacionais, vilas operárias, conjuntos habitacionais, bairros periféricos, malhas viárias, prédios dotados de valor arquitetônico, assim como sobre os grandes empreendimentos de revitalização de determinadas zonas tradicionais da cidade. Além de sistematizar as versões dos depoentes, os resultados das entrevistas publicadas em livro reúnem de igual maneira uma rica iconografia da vida urbana do Rio de Janeiro.

O fato de a cidade global ser hoje o *locus* da maior concentração de equipamentos culturais – e aqui eu me refiro a monumentos, praças e exposições multimidiáticas – constitui uma forte pista para o entendimento de um interesse desenvolvido nos últimos anos por Lucia, em paralelo aos estudos do urbanismo. Trata-se de sua inclinação pela temática da patrimonialização da cultura e dos bens culturais.

As práticas, os discursos e as representações patrimoniais têm sido pesquisados tanto em sua multifuncionalidade quanto em sua historicidade. Ora servem a critérios preservacionistas de salvação do passado colonial, ora ajustam-se aos interesses de ascensão espetacular dos museus, articulados à indústria do turismo internacional e às vitrines tecnológicas do progresso, no alvorecer do século XXI.

Se a cidade e o patrimônio vêm sendo investigados por Lucia nos últimos dez anos, não se deve dissociar tais estudos da experiência docente acumulada nesse mesmo período. As anotações de aula acerca do tema são a base para livros de difusão científica, com a capacidade notável de transmissão clara dos conceitos e conteúdos complexos apreendidos por Lucia na preparação de seus cursos. Penso em especial em um livro que considero uma pequena obra-prima, pela clareza e pelo poder de síntese com que alinhava as mais representativas matrizes do processo político-cultural brasileiro. Trata-se de *Cultura é patrimônio: um guia*, publicado no ano de 2008.

A docência na pós-graduação, em especial no Mestrado Profissional, tem sido um importante ambiente dialógico de construção do conhecimento. Para além do trabalho solitário de pesquisa, o ato de formar mestrandos e doutorandos implica uma troca que só é plena quando ela se desenvolve numa via de mão dupla e prescinde da posição hierárquica. A generosidade intelectual de Lucia e a abertura de quem tanto quer ensinar quanto quer aprender são provas disto. Desde 2005, mais de duas dezenas de dissertações de mestrado e teses de doutorado foram defendidas sob sua orientação atenta e sensível, tratando de questões relativas ao arco temático do que lhe é mais caro: patrimônio cultural, história das cidades e sociologia da cultura.

São essas as linhas mestras da trajetória e da produção intelectual de Lucia que eu gostaria de salientar e de compartilhar com vocês nesta noite. O que mais podemos esperar dessa colega que hoje recebe o justo título honorífico de professora emérita por parte de um centro de documentação, pesquisa e ensino a que está ligada desde 1976, praticamente desde a sua fundação?

Penso, por um lado, que sua obra acende o interesse pelas relações mais amplas entre cultura e poder e nos leva necessariamente de volta às suas primeiras publicações, pelas próprias vicissitudes do que assistimos hoje no conflituoso cenário político nacional.

Por outro lado, parece-me também que a importância crescente das políticas públicas de cultura – a prerrogativa constitucional do direito à cultura – faz com que as novas gerações encontrem referências seminais e estimulantes nos escritos de Lucia, pois é com acuidade que examina o lugar das instituições, das agências e dos equipamentos culturais na vida brasileira, por meio de uma análise atualizada que se estende do Estado Novo ao período da ditadura militar, e deste até as novas formas de fomento à cadeia produtiva da cultura.

De enorme atualidade também, e coerente com o tema das crises identitárias em esfera “transescalar”, a que se referem os estudiosos do urbanismo, é o fenômeno das migrações contemporâneas. Este nos coloca face a face com os entrecosques do multiculturalismo e com a necessidade de refazimento constante das identidades, questão a que Lucia desde sempre se dedicou.

É muito provável assim que livros como o *O Brasil dos imigrantes, Nós e eles* e *A construção da América*, entre outros, continuem a ser reeditados e venham a despertar a curiosidade dos alunos da Escola de Ciências Sociais da FGV e dos alunos do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do CPDOC, convidando-os à reflexão sobre os desafios do mundo em que vivem.

Gostaria de encerrar esta leitura e estas palavras com um agradecimento a todos aqui presentes, entre colegas, amigos, alunos, professores, familiares, enfim, a todos os admiradores do trabalho e da figura humana de Lucia. Agradeço em especial ao conjunto dos professores do CPDOC, colegas que não mediram esforços para que o reconhecimento e a justa homenagem a duas professoras de excelência fossem realizados nesta noite de festa e confraternização.

Agradeço especialmente a você, Lucia, pela oportunidade de mergulhar na leitura de seus livros, pelo prazer que é ler os seus textos, pela possibilidade de aprender com tudo que escreve. Tenha certeza de que sua obra nos inspira e nos entusiasma, nos serve de lição e exemplo.